

# A INDIVIDUALIZAÇÃO DOS OBJETOS DE MESA NO SÉCULO XIX, NA CIDADE DE GOIÁS

Izabel Cristina GRATÃO\*

## RESUMO

As transformações ocorridas na Europa ganharam maior destaque nos séculos XVIII e XIX, e mudaram os comportamentos sociais, refletindo-se nos modos de vestir, comer, falar, pensar e principalmente no comportamento à mesa. A preocupação com a higiene torna necessário o uso de talheres e utensílios individuais e em Goiás podemos afirmar que, apesar da crise econômica e do isolamento geográfico e cultural, a população esteve atenta às novas práticas sociais.

## Um povo em construção

“Civilizado” não significa a mesma coisa para diferentes pessoas, povos ou nações. A civilidade é acima de tudo uma arte, sempre controlada, da representação de si mesmo para os outros (Revel, 1997,p.166). Assim, a cultura brasileira associou e associa “civilidade” a modelos europeus e, a partir daí, analisaremos o serviço de mesa na cidade de Goiás e todas as suas transformações.

O homem ocidental nem sempre se comportou da maneira que estamos acostumados a considerar como típica ou como sinal característico do homem civilizado. “Se considerarmos o homem em

---

\*Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás – Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela Universidade Cândido Mendes.

toda a sua trajetória histórica, social, política, econômica e educacional constataremos que vários são os motivos e condições internas ou externas de suas transformações.” (Elias, 1997, p.113)

Sabemos que o homem é um ser social que se humaniza através das relações que estabelece consigo mesmo, com a natureza e com os outros homens, buscando satisfazer suas necessidades de sobrevivência cada vez mais complexas. Comandando os comportamentos do indivíduo em sociedade, a civilidade é a aprendizagem do distanciamento dos corpos. As transformações das maneiras à mesa, que proíbem comer no prato comum e prescrevem o uso dos utensílios pessoais, constituem efeitos desse distanciamento dos corpos, exigidos por seus encontros mais frequentes e suas relações mais densas.

O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: tecnologia, maneiras de agir, desenvolvimento dos conhecimentos científicos, idéias religiosas e aos costumes. “Podemos considerar *civilizadas* ou *incivilizadas* todas as atitudes humanas” (Elias, 1997, p.23).

Durante a Idade Média, a sociedade europeia inicia um processo de transformações ligadas às regras de comportamento social que se consolidará na Idade Moderna. Inúmeros manuais de etiqueta e obras literárias, serão publicados neste período numa tentativa de normatizar o comportamento da população.

Para Elias “... o código específico do comportamento surgiu inicialmente nas grandes cortes feudais e, em seguida, se disseminou por estratos mais amplos” (1997, p.76). Naquela época, são vários os relatos que mostram a comparação do comportamento à mesa durante as refeições. Era considerado falta grave roer os ossos e colocá-los no chão. Limpar a garganta quando comia e assoar na toalha de mesa eram comportamentos de pessoas mal educadas. Um homem refinado não deveria fazer barulho de sucção com a colher quando estivesse em boa companhia.

Para retirar os alimentos das travessas, era comum usar as mãos, por isso era proibido tocar nas orelhas, nariz e olhos. Nesse sentido, as mãos deveriam ser lavadas antes das refeições. Esses comportamentos, que se referem à forma de se comportar à mesa, utilizando-se dos pratos, facas e colheres, para a classe superior medieval, são comuns nas obras francesas, inglesas, italianas, alemãs e latinas.

Gradativamente surgem os talheres e os pratos individuais, feitos de madeira e de metais como o estanho e a prata, iniciando assim nas classes dominantes a prática de comer com seus próprios garfos e colheres, sopas e caldos deveriam ser ingeridos em pratos fundos, com a colher, e não mais diretamente nas tigelas. A faca se transformou no único talher que em circunstância alguma pode ser levada à boca e sua ponta aguçada (arma masculina utilizada na caça e na luta), foi substituída por uma extremidade arredondada (Lima, 1996, p.11).

A alta classe secular adotava um luxo extraordinário à mesa e ostentava riqueza e categoria pela opulência dos utensílios e da decoração da mesa.

As colheres de sopa eram arredondadas e bem planas, o garfo surgiu primeiramente para retirar alimentos das travessas comuns com apenas dois longos dentes, que foram encurtados e estreitados até assumir a forma atual, com quatro dentes, e a função de introduzir o alimento na boca (Elias, 1997, p.80).

Apesar das constantes cobranças sociais sobre os comportamentos à mesa, as transformações dos hábitos considerados “grosseiros” somente se consolidarão na Idade Moderna com a urbanização das cidades, o maior convívio social, o processo de industrialização e o maior acesso a produtos anteriormente considerados de luxo.

A sociedade em geral modifica sua conduta social e são inseridos novos hábitos como a limpeza, a higiene e a maneira de se portar à

mesa, os quais se firmarão na segunda metade do século XVIII na qual os antigos modelos medievais evoluíram para uma nova composição, com um pouco mais de ordem: método, limpeza e elegância.

As maneiras observadas nessa fase transitória para a Idade Moderna, eram as observadas na corte. Assim, a burguesia deixou para trás os gostos próprios da sua classe e, neste momento histórico, a fim de ser realmente “cortês”, o indivíduo é, até certo ponto, obrigado a observar, a olhar em volta e a prestar atenção nas pessoas e nas suas razões, anunciando assim uma nova relação entre um homem e outro, como uma nova forma de integração.

Com o Renascimento, o que era considerado “apropriado” e impróprio nas relações humanas foi marcado por uma súbita exigência de novos estilos de comportamento, evidenciando a tendência, cada vez maior, de os indivíduos se observarem e aos demais. Assim, as pessoas se moldavam às outras deliberadamente através dos comportamentos.

No século XIX, motivados pelo discurso médico-higienizador e pela Revolução Industrial que promoveu a maior acessibilidade aos utensílios necessários às novas práticas sociais, a população se preocupará com o distanciamento dos corpos e o medo das epidemias fará com que o menor contato das mãos com os alimentos popularize o uso dos talheres e comensais individuais.

A satisfação das necessidades humanas, agora se dá no campo individual e subjetivo. Essa privatização se manifesta em diversos espaços da intimidade, nos móveis domésticos, nas decorações, na maneira de dispor a comida e os utensílios: pratos, colheres e garfos sobre a mesa, implicando assim num processo de refinamento do gosto.

Os novos hábitos de como se portar à mesa, caminhar, se vestir, não decorrem de uma mera vontade pessoal. Dentre todas as mudanças, o cuidado com a aparência, com expressões corporais e as maneiras à mesa se destacaram. “A boa aparência passa a ser regra social,

sendo que um cuidado especial será dedicado à vestimenta e acessórios (perfumes, pó, perucas, etc.)”(Callefi, 2000, p.79).

Segundo Lima, “as maneiras à mesa são alvo de grande preocupação e assim elas promovem um refinamento dos gestos”(1996, p. 12). Os gestos de falar com a boca cheia, lamber os dedos, retirar comida mastigada da boca serão substituídos por outros mais delicados que estarão acompanhados com a preocupação de higiene e limpeza. Variam também as formas dos utensílios de mesa e o aparato de pratos, travessas, facas, garfos e colheres ganham uma nova dimensão passando a assumir maior destaque e atenção.

Para a efetivação das mudanças e a inserção de um significativo número de atributos condizentes com as novas posturas, necessariamente, deveria haver facilidade de acesso a variados produtos. Esse acesso só se efetivou a partir da expansão marítima e depois pela Revolução Industrial.

O processo de industrialização e a redução dos preços promoveram a popularização e a invasão dos objetos nas casas banalizando seu uso. O número de utensílios à mesa cresceu de forma assustadora, e cada ocasião exigia um aparato diferenciado. As louças foram os objetos que exerceram maior fascínio sobre a sociedade européia conferindo assim, um prestígio aristocrático maior à quem as possuísse. Seguindo as tendências européias, a população brasileira, nos séculos XVIII e XIX, esteve sempre observadora aos novos comportamentos sociais aderindo-se a eles através da expansão de seus hábitos de consumo (Ortiz, 1991, p.122).

## O Brasil nos Séculos XVIII e XIX: as preocupações com as novas regras de comportamento social

As preocupações com as novas regras de comportamento social fizeram com que os séculos XVIII e XIX representassem um

período de grandes transformações, propagando-se da Europa para o mundo, não ficando o Brasil isento desse processo. Os novos comportamentos sociais influenciaram as práticas de consumo e com a descoberta das minas auríferas e a transferência da Corte Portuguesa em 1808, essas transformações se fortaleceram, aumentando o número de mercadorias comercializadas nos núcleos urbanos que se consolidavam.

Pessoas das mais variadas origens vinham para as minas, que se transformaram em um verdadeiro mosaico de culturas, costumes, raças e credos. O crescimento dos centros urbanos auríferos tornou-se um grande atrativo mercado consumidor de produtos da metrópole ou da própria colônia.

Até a descoberta das minas, a economia na colônia brasileira se restringia à agricultura latifundiária escravista. Assim a atividade mineratória permitia empregar um número mais significativo de homens, facilitando a urbanização, a prestação de serviços, o comércio, à administração e às profissões liberais o que promoveu o acesso a uma maior diversidade de mercadorias. Segundo Callefi, “esse processo provocou uma maior socialização entre seus habitantes, facilitando o crescimento do consumo de produtos ligados ao luxo e à ostentação” (2000, p.34).

A simplicidade caracterizava as residências das propriedades no início da colonização. O requinte dos ambientes somente veio a aparecer, a partir dos séculos XVIII e XIX, em concomitância com a diversidade econômica e o crescimento urbano. Os portos cresceram e chegavam produtos industrializados da Inglaterra, Portugal e países do Oriente. Os principais produtos comercializados eram: seda, armas, sal, tecidos, meias, chapéus, vidros, espelhos, damascos, pelúcias, baixelas, vinhos, azeites, pólvora, louças, porcelanas e tapeçaria da Índia e China. Embutidos nos novos produtos, estavam as novas formas de pensar, de se comportar e de se organizar.

Com a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, na

primeira metade do século XIX, e com a abertura dos portos às nações amigas, houve uma maior urbanização da colônia e o Rio de Janeiro tornou-se o modelo de modernidade e civilidade, irradiando-se para quase todo o território brasileiro os novos padrões sociais.

A presença, no Brasil, de um príncipe representante da coroa portuguesa, com poderes de rei, que ostentava luxo e riqueza veio a modificar a fisionomia da sociedade colonial em todos os seus traços. A vinda Família Real representou para essa sociedade o acesso à experiência do mundo civilizado. Logo nos primeiros anos de sua presença no Brasil, as mudanças se fizeram notar, nas tentativas quase inúteis de limpeza da cidade, uma vez que, ao desembarcar no Rio de Janeiro, a Corte se deparou com uma cidade de aspecto sujo, enlameada e mal cheirosa (Freyre, 1996, p.05).

Segundo Algranti (1977, p.85), a vida na Colônia era, aos olhos dos recém-chegados, ainda bastante rústica, a exceção de algumas famílias abastadas. Com o decurso dos anos, o comércio intensificou-se, mudando, assim, a aparência das residências e dos habitantes do Rio de Janeiro e posteriormente das demais regiões brasileiras. Uma variedade de produtos de luxo invadiu o comércio com preços mais acessíveis e a população intensificou suas compras na tentativa de “copiar” o requinte europeu.

Nesse contexto de mudanças, proliferaram as edições chamadas literaturas de civilidade: manuais de *savoir-vivre*, regras de etiqueta, elementos de moral, guias de bom –tom, tratados de cortesia. Esses códigos de boas maneiras foram editados para que essas normas pudessem ser absorvidas por todos os que queriam ocupar um lugar na hierarquia social. Uma das maiores preocupações da colônia brasileira era alcançar os moldes europeus de comportamento e tornar o seu povo cortês.

Das análises feitas por diversos autores em relação a inventários *post-mortem*, é notório que, nas casas dos proprietários mais abastados, os móveis e utensílios fossem afinados com os padrões europeus. O interesse em aumentar o consumo dos produtos

estrangeiros fez com que surgissem anúncios nos jornais que desempenharam importante papel no processo de incorporação dos novos comportamentos, estimulando e criando novas necessidades de consumo. Esses anúncios influenciavam e informavam as pessoas a assumirem certos tipos de comportamentos como normas de conduta. “A população simplesmente consumia artigos, às vezes, fora de moda, sem muita qualidade, mas o que destacava era se a origem era inglesa ou francesa, considerados “de muito bom gosto”(Callefi, 2000,p.45).

Em Goiás é possível observar a presença desses artigos nos jornais e, apesar da crise econômica, a província dispunha de um mercado consumidor que motivava a divulgação dos estabelecimentos comerciais e a grande variedade dos produtos disponíveis.

## A formação dos núcleos urbanos na província de Goiás

Durante os séculos XVI e XVII, o povoamento das Capitânicas da costa brasileira dera-se em função da empresa agrícola. Com a mineração, a situação inverte-se: os núcleos urbanos, surgidos da concentração mineira, congregaram a maioria da população, marcando o ritmo da vida social e das mentalidades. Segundo Palacin, a ocupação da época colonial em Goiás procedeu-se de forma impetuosa e violenta, conforme o modelo da “corrida-do-ouro” (1995, p.33-34).

A primeira região ocupada em Goiás foi a do rio Vermelho, onde se fundou o arraial de Sant’Ana, que, depois, seria chamado Vila Boa, e, mais tarde, Cidade de Goiás, sendo, durante 200 anos, a capital do território goiano. Nas proximidades de Sant’Ana, surgiram numerosos arraiais. Porém, a decadência da atividade mineratória, a partir da Segunda metade do século XVIII, fez desaparecer muitos desses arraiais e provocou a venda e a transferência de muitos

escravos para outras regiões à medida que o ouro deixava de ser uma atividade lucrativa.

Os viajantes europeus que passaram por Goiás, durante o século XIX, elaboraram um discurso sobre a ociosidade do povo, porém, a carência de dados historiográficos, dificulta a interpretação da análise da vida diária da população, já que poucas são as descrições dos hábitos cotidianos desses indivíduos.

A presente pesquisa tem por tema a individualização dos objetos de mesa e devido aos poucos dados obtidos em bibliografias já editadas, fiz uso de informações adquiridas em consulta a anúncios de jornais do século XIX, inventários post-mortem e dados referentes ao resgate da cultura material coletados no Projeto de Resgate Arqueológico da Cidade de Goiás.

Buscamos nos anúncios de jornais, evidências que nos informassem até que ponto os objetos de uso individual estiveram presentes no cotidiano da população e percebendo influências dos novos padrões de comportamentos sociais, e seguindo a moda ditada pela Corte instalada no Rio de Janeiro, esses anúncios viabilizaram a observação dos produtos que estavam disponíveis à população vilaboense.

Foram consultados os anúncios existentes nas edições do Jornal “O Correio Oficial” no período de 1864 a 1899. O referido jornal circulou entre 1837 a 1930, sendo editado duas vezes por semana (quartas e sábados) nas principais vilas de Goiás.

Além de seu caráter informativo estes anúncios exerceram importante papel para a inserção das posturas adotadas pela Corte destacando a qualidade dos produtos segundo sua origem, portuguesa, inglesa ou francesa, sendo estes artigos aprovados e usados pelas pessoas de “bom gosto”(Callefi, 2000, p.70).

Outra fonte utilizada para o desenvolvimento da pesquisa foram os inventários *post-mortem* que se encontram no Arquivo da Vara

de Família e no Cartório do 1º Ofício da Cidade de Goiás. Nesses inventários foram observadas as preocupações com as boas maneiras vigentes no período, as quais foram observadas com a posse dos objetos de servir, destacando os seguintes objetos: jarros de prata, bulles de prata, colheres, garfos e facas de prata, castiçais de prata, pratos e xícaras de louça.

Dos 48 inventários listados, observa-se que apenas 29% dos indivíduos, possuíam objetos de servir. Ao analisar, porém, a densidade do material arqueológico recolhido em escavações feitas na Cidade de Goiás, observa-se que, apesar das dificuldades econômicas, houve a incidência desses objetos no cotidiano da população e aqueles que não tinham poder aquisitivo para adquirir os objetos, em louça e prata, os substituíam por outros em cerâmica ou outras matérias-primas mais acessíveis.

## Resgate da cultura material na Cidade de Goiás

Para que a Cidade de Goiás obtivesse o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, um dos pré-requisitos exigidos pela UNESCO foi a implantação dos sistemas de energia, telefonia e obras sanitárias subterrâneas. O elevado potencial arqueológico da área urbana, cujo centro histórico encontra-se tombado, promoveu a necessidade de um monitoramento de arqueólogos tanto para o resgate dos bens culturais móveis, a organização e a curadoria, quanto para o registro das informações de natureza arquitetônica e da urbanização do espaço.

O acompanhamento arqueológico foi desenvolvido em etapas de campo e de laboratório e, após esses processos, fez-se a curadoria do material que posteriormente foi analisado. As informações obtidas sobre esses artefatos consumidos e descartados têm lançado novas informações sobre a população vilaboense.

## A louça na pesquisa arqueológica

Com a abertura dos portos às nações amigas, em 1808, a Inglaterra introduziu, no mercado brasileiro, sua faiança fina, louça produzida em larga escala, numa faixa de preço acessível à população de médio poder aquisitivo. Segundo Lima, “a faiança fina foi a classe de louça doméstica mais popular no Brasil oitocentista, não sendo diferente em Vila Boa de Goiás” (1989, p.208).

A louça está representada nas categorias: faiança fina, faiança, porcelana, ironstone e macau. A alta densidade do material exumado na Avenida Dom Prudêncio, na abertura de caixas e valas para a implantação da rede elétrica e de telefonia subterrâneas, demonstra a predominância de objetos manufaturados em louça de faiança fina, comprovando assim a popularidade desta categoria presente no comércio de Vila Boa. Dentre os artefatos coletados, destacam-se os objetos de uso individual tais como: pratos, malgas, xícaras e pires.

Em análise feita no material exumado foi totalizada uma soma de 2.039 fragmentos de louças. Esses números reforçam cada vez mais a hipótese de que mesmo listados em apenas 29% dos inventários consultados, os objetos de uso individual estiveram presentes no cotidiano da população, ressaltando, assim, que os hábitos de higienização estavam cada vez mais inseridos no dia-a-dia das pessoas.

Os números avaliados demonstram que o isolamento geográfico e cultural que a historiografia goiana vem destacando para a população de Goiás não condiz com a realidade dos indivíduos que viveram no interior brasileiro, no século XIX. Apesar de distantes do Rio de Janeiro, a população manteve as novas práticas sociais inseridas pela Corte Portuguesa instalada no Brasil, sobressaindo assim os novos comportamentos à mesa, o que justifica a grande densidade do material exumado na Avenida Dom Prudêncio, bem como em toda a Cidade de Goiás.

A presente pesquisa está inserida no Projeto de Acompanhamento e Resgate Arqueológico das Obras de Saneamento, Rede Elétrica e de Telefonia da Cidade de Goiás, e os resultados apresentados para a inserção da louça neste trabalho, são parciais, visto que o Projeto encontra-se em andamento. Assim, Os dados apresentados resultam especificamente da análise dos fragmentos exumados na Avenida Dom Prudêncio, na implantação da rede elétrica e de telefonia.

#### ABSTRACT

GRATÃO, Izabel Cristina. Individualisation of the table objects in the XIX th century. *Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, nº 8, Jan/Dez 2005.

The transformations occurred in Europe got a biggest force during the 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> century and changed the social behaviors, having reflect in custom, eating, speaking and thought way and mainly in the behavior at the table. The preoccupation with the hygiene got necessary the use of severs and Goiás we can affirm that the population at thought a economic depression and the isolation geographic and cultural was alert to these new social practices.

#### FONTES

##### *Fontes Manuscritas*

INVENTÁRIOS DE VILA BOA DE GOIÁS

##### *Fontes Impressas*

ARQUIVO HISTÓRICO ESTADUAL DE GOIÁS (AHEG)

Jornal "O Correio Oficial".

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. *In: História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. I. p. 83-154.

CALLEFI, Gislaíne Valério de Lima. *Preferências e possibilidades de consumo em Goiás nos séculos XVIII e XIX*. Goiânia: dissertação de Mestrado, UFG, 2000.

CARVALHO, Hellen Batista. *Uma janela para o interior: vida cotidiana em Santa Cruz de Goiás no século XIX*. Goiânia: Dissertação de Mestrado, UFG, 2000.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

LIMA, Tânia Andrade de, A tralha Doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. In: *Dédalo, publicações avulsas, I*. 1989.

MAGALHÃES, Sônia M. de. *A mesa de Mariana: Produção e consumo de alimentos (1750-1850)*. Franca-SP: Dissertação de Mestrado, UNESP, 1998.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PALACIN, L., GARCIA, L., F., AMADO, J. *História de Goiás em documentos – I. Colônia* : CEGRAF, 1995.

REVEL, J. Os usos da Civilidade. In: *História da Vida Privada: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, v.3, 1997, p. 169-210.